
Comunicação e território na Amazônia: plataformização e os desafios do jornalismo local no Amapá¹

Raila Vitoria Guedes de Souza²

Eudenise Lobato de Lima³

Raissa Cruz da Silva⁴

Ellen Fernanda Pinon⁵

Iarley da Silva Aquino⁶

Danilo Borges e Silva de Araújo⁷

Universidade Federal do Amapá, Macapá, AP

Resumo: Este artigo analisa de que modo a plataformização da comunicação afeta o jornalismo local no Amapá, território marcado por desigualdades estruturais históricas. A partir de uma abordagem teórica, discute-se como os mecanismos algorítmicos das plataformas digitais, a dataficação, a comodificação e a seleção, organizam os fluxos informacionais e condicionam a visibilidade dos conteúdos jornalísticos. Argumenta-se que, em contextos periféricos como a Amazônia, em especial, Amapá, essa lógica tende a aprofundar assimetrias já existentes, impondo ao jornalismo local uma dupla disputa: contra a concentração tradicional do poder comunicacional e contra os critérios algorítmicos que favorecem grandes conglomerados midiáticos. Conclui-se que produzir informação de proximidade na região constitui um ato de resistência às lógicas de invisibilização e um instrumento fundamental de autonomia informacional e consciência crítica para as populações locais.

Palavras-chave: plataformização; jornalismo local; Amazônia; algoritmos; jornalismo de proximidade.

¹Trabalho apresentado IJ05 – Comunicação, cultura digital e tecnologias da Intercom Júnior – 22ª Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 49º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

²Acadêmica do curso de Bacharelado em Jornalismo pela Universidade Federal do Amapá. Integrante do Grupo de Pesquisa: Jornalismo digital em Macapá: práticas, formatos e circulação em contextos digitais. E-mail: raila.souza2017@gmail.com

³Acadêmica do curso de Bacharelado em Jornalismo pela Universidade Federal do Amapá. Integrante do Grupo de Pesquisa: Jornalismo digital em Macapá: práticas, formatos e circulação em contextos digitais. E-mail: eudeniselobato@gmail.com

⁴Acadêmica do curso de Bacharelado em Jornalismo pela Universidade Federal do Amapá. Integrante do Grupo de Pesquisa: Jornalismo digital em Macapá: práticas, formatos e circulação em contextos digitais. E-mail: raissacruzdasilva33@gmail.com

⁵Acadêmica do curso de Bacharelado em Jornalismo pela Universidade Federal do Amapá. Integrante do Grupo de Pesquisa: Jornalismo digital em Macapá: práticas, formatos e circulação em contextos digitais. E-mail: ellenpinonsousa@gmail.com

⁶Acadêmico do curso de Bacharelado em Jornalismo pela Universidade Federal do Amapá. Integrante do Grupo de Pesquisa: Jornalismo digital em Macapá: práticas, formatos e circulação em contextos digitais. E-mail: iarleyvaluno2025@gmail.com

⁷Professor Assistente do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Amapá (Unifap). Integrante do Grupo de Pesquisa: Jornalismo digital em Macapá: práticas, formatos e circulação em contextos digitais. E-mail: daniiloborgesa@unifap.br

Introdução

O ecossistema comunicacional contemporâneo é regido por um ambiente tecnológico em constante transformação, no qual as interações sociais e a circulação de informações são mediadas também por dispositivos digitais. Nesse cenário, a plataformação da comunicação instaura uma lógica estruturante pela qual as plataformas digitais organizam ativamente a visibilidade e o fluxo de conteúdos, condicionando tanto as práticas comunicativas quanto às formas de circulação do discurso público (Van Dijck; Poell; De Waal, 2018). No contexto do jornalismo local amazônico, essa dinâmica opera de forma paradoxal. No Amapá, ao mesmo tempo em que as plataformas digitais abrem possibilidades de circulação para os veículos e produtores locais, elas tendem a amplificar desigualdades estruturais de infraestrutura e visibilidade, mantendo o estado sub-representado nos fluxos nacionais.

O jornalismo local na região Norte enfrenta desafios que vão além das rotinas da prática profissional. Castro (2013) aponta que poucos grupos empresariais concentram o controle sobre a distribuição da informação na região, o que resulta no esvaziamento da função educativa e informativa que a comunicação deveria cumprir constitucionalmente. Em outras palavras, quem decide o que circula e para quem não são os jornalistas, mas os interesses dos grandes grupos que detêm os meios de comunicação.

Essa concentração tem consequências diretas para quem trabalha no setor. A pesquisa de Zacariotti et al. (2023) mostra que os profissionais de jornalismo da região Norte atuam em condições precárias, com vínculos empregatícios instáveis, baixa remuneração e poucas opções de emprego fora dos veículos dominantes. Tal dependência limita a autonomia editorial dos jornalistas locais, tornando difícil produzir um jornalismo verdadeiramente comprometido com o interesse público e com as comunidades que esses profissionais deveriam representar.

Portanto, este trabalho busca responder: de que modo a plataformação da comunicação afeta o jornalismo amapaense em um território marcado por desigualdades estruturais? Argumenta-se que produzir informação de proximidade na Amazônia, superando a lógica de exclusão que silencia vozes periféricas e comunitárias (Castro, 2013; Zacariotti Et Al., 2023), é um instrumento de autonomia e consciência crítica para as populações locais.

Plataformização e jornalismo digital

A crescente centralidade das plataformas digitais na circulação de informações tem provocado transformações significativas no campo da comunicação e do jornalismo. Para Van Dijck, Poell e De Waal (2018), a sociedade contemporânea pode ser compreendida como uma sociedade de plataforma, caracterizada pelo fato de que os fluxos sociais, econômicos e culturais são cada vez mais mediados por um ecossistema global de plataformas digitais conduzido por algoritmos e alimentado por dados. Nessa perspectiva, as plataformas passam a ser reconhecidas como estruturas capazes de moldar comportamentos, relações sociais e formas de produção e circulação da informação.

Van Dijck, Poell e De Waal (2018) identificam três mecanismos fundamentais que sustentam a lógica da plataformização: a dataficação, a comodificação e a seleção. A dataficação refere-se ao processo pelo qual ações, interações e comportamentos realizados em ambientes digitais são continuamente transformados em dados passíveis de coleta, armazenamento e análise. As plataformas estruturam formas específicas de interação por meio de suas interfaces e arquiteturas técnicas, influenciando diretamente a maneira como os usuários se comunicam e participam do ambiente digital.

A comodificação, por sua vez, consiste na transformação dessas interações em ativos econômicos. Nesse modelo, dados, atenção e engajamento tornam-se mercadorias valiosas para as plataformas, que atuam como mercados multilaterais capazes de conectar diferentes atores sociais e econômicos. Ao concentrar a posse e o controle dos dados produzidos pelos usuários, essas empresas ampliam seu poder estratégico e sua capacidade de interferir nos fluxos comunicacionais.

O terceiro mecanismo, denominado seleção ou curadoria, possui especial relevância para a compreensão do jornalismo digital. Por meio de algoritmos, sistemas de recomendação e interfaces de navegação, as plataformas filtram conteúdos e definem quais informações terão maior alcance e visibilidade. Nesse contexto, a circulação de notícias deixa de depender exclusivamente dos critérios editoriais estabelecidos por jornalistas e organizações de mídia, passando a ser influenciada por indicadores como popularidade, engajamento, reputação e aderência aos perfis construídos pelos sistemas automatizados. Como observam Van Dijck, Poell e De Waal (2018), a visibilidade dos

conteúdos é cada vez mais determinada por processos algorítmicos que organizam a experiência informacional dos usuários.

No campo jornalístico, a ascensão das plataformas infraestruturais alterou profundamente as relações entre produção, distribuição e consumo de notícias. Empresas como Google e Meta passaram a desempenhar papel central na circulação das informações, assumindo funções de curadoria anteriormente atribuídas aos veículos de comunicação (Van Dijck; Poell; De Waal, 2018). Esse processo resulta na perda de controle dos meios jornalísticos sobre a relação entre audiência, conteúdo e publicidade, uma vez que as plataformas se tornam as principais intermediárias do acesso às notícias e da captação de receitas publicitárias.

Como consequência, observa-se uma crescente valorização de conteúdos capazes de gerar engajamento imediato. A lógica algorítmica tende a privilegiar informações que despertem reações rápidas e intensas dos usuários, favorecendo práticas de produção marcadas pela velocidade e pela busca constante por cliques (Bentes, 2019). Além disso, a personalização do consumo informacional reforça a circulação de conteúdos alinhados às preferências individuais dos usuários (Bruno; Bentes; Faltay, 2019), deslocando o foco de valores públicos e coletivos para interesses particulares.

Jornalismo local em contextos amazônicos

O impacto da plataformação da comunicação não ocorre de maneira homogênea entre os diferentes territórios. Em regiões historicamente marcadas por desigualdades econômicas, infraestruturais e comunicacionais, como a Amazônia, e aqui, destacamos o Amapá, os efeitos da reorganização dos fluxos informacionais pelas plataformas digitais assumem contornos específicos que exigem uma leitura contextualizada.

A lógica algorítmica que orienta a visibilidade dos conteúdos nas plataformas digitais, baseada em engajamento, alcance e monetização, não opera no vazio, mas incide sobre estruturas sociais e comunicacionais preexistentes (Batista; Santos, 2019). Compreender de que forma essa dinâmica afeta o jornalismo local amazônico requer, portanto, considerar tanto as transformações recentes impostas pelas plataformas quanto as desigualdades históricas que antecedem e condicionam sua chegada à região

Nesse contexto, o jornalismo local amazônico ocupa uma posição particularmente vulnerável. O jornalismo de proximidade desempenha papel fundamental na construção da cidadania ao produzir informações diretamente relacionadas ao cotidiano das comunidades e aos problemas concretos enfrentados pelos cidadãos. Diferentemente dos grandes veículos nacionais, sua relevância está associada à capacidade de representar territorialidades específicas, promover a identificação dos públicos e fortalecer vínculos comunitários.

Entretanto, as condições de produção jornalística na Amazônia são atravessadas por limitações estruturais que dificultam o exercício dessa função social. O estudo de Zacariotti et al. (2023) evidencia que a região Norte apresenta um cenário marcado pela concentração de profissionais nas capitais, vínculos laborais precários, baixa remuneração e reduzidas oportunidades de atuação fora dos grandes centros urbanos. Essas características afetam as condições de trabalho dos jornalistas e limitam a capacidade de cobertura de extensos territórios e de grupos sociais historicamente marginalizados.

A situação torna-se ainda mais complexa quando considerada à luz da concentração do poder comunicacional identificada por Castro (2013). Em um ambiente no qual poucos grupos empresariais controlam grande parte dos meios de comunicação regionais, a disputa por visibilidade ocorre simultaneamente em duas frentes. A primeira, contra as estruturas tradicionais de concentração midiática e, a segunda, contra os mecanismos algorítmicos das plataformas digitais. Como resultado, comunidades indígenas, ribeirinhas, quilombolas e populações do interior amazônico frequentemente permanecem sub-representadas tanto nos circuitos tradicionais de comunicação quanto nos ambientes digitais.

Essa dinâmica pode ser observada concretamente no contexto amapaense. Oliveira (2025), ao organizar análises sobre os principais veículos jornalísticos do estado, evidencia que os telejornais e portais locais que mais fortalecem vínculos com a população são aqueles que priorizam o critério de proximidade geográfica e temática em sua seleção de pautas. Ao mesmo tempo, análises sobre os principais veículos jornalísticos do estado apontam as pressões crescentes do jornalismo multimídia sobre os profissionais locais, que acumulam funções e precisam adaptar conteúdos para múltiplas plataformas com recursos humanos e financeiros limitados, condição que

tensiona a capacidade de produzir coberturas aprofundadas sobre as realidades periféricas do Amapá (Schmidt Et Al., 2025; Ferreira; Oliveira; Palheta, 2025).

Dessa forma, compreender o jornalismo local amazônico exige reconhecer que suas dificuldades decorrem também das transformações tecnológicas recentes e estão associadas a desigualdades históricas que antecedem a própria plataformização, mas que passam a ser reconfiguradas e, em muitos casos, intensificadas pelas novas dinâmicas de circulação e visibilidade impostas pelas plataformas digitais.

Diante desse cenário, a produção jornalística local na Amazônia adquire um significado que vai além da função informativa convencional. Em territórios onde as estruturas tradicionais de comunicação historicamente silenciaram vozes comunitárias e onde as plataformas digitais tendem a reproduzir essas mesmas exclusões, produzir informação de proximidade constitui um ato de resistência às lógicas de invisibilização (Castro, 2013). O jornalismo local amazônico, ao representar territorialidades específicas e fortalecer vínculos comunitários, opera como um instrumento de autonomia informacional e de construção de consciência crítica para populações que raramente se reconhecem nas narrativas produzidas pelos grandes centros midiáticos nacionais. Nesse sentido, suas dificuldades estruturais não diminuem sua relevância social, mas tornam ainda mais urgente compreender as condições em que essa produção ocorre e os desafios que os profissionais enfrentam para sustentá-la em um ambiente crescentemente dominado pela lógica das plataformas.

Considerações finais

A análise desenvolvida ao longo deste artigo permite afirmar que a plataformização da comunicação representa uma reconfiguração profunda das condições de produção, circulação e visibilidade da informação jornalística. Ao reorganizar os fluxos comunicacionais por meio de mecanismos algorítmicos orientados pelo engajamento e pela monetização, as plataformas digitais impõem uma lógica que tende a favorecer atores com maior capacidade técnica, financeira e institucional, reproduzindo e intensificando desigualdades estruturais preexistentes.

No contexto amazônico, e mais especificamente no Amapá, essa dinâmica assume diferentes contornos. O jornalismo local opera em um ambiente marcado simultaneamente pela concentração histórica do poder comunicacional, pelas precárias

condições de trabalho dos profissionais e pela crescente dependência das plataformas digitais para a circulação de seus conteúdos. Nesse cenário, a disputa por visibilidade torna-se desigual desde a sua origem, uma vez que os mecanismos algorítmicos que definem o alcance das publicações foram concebidos a partir de lógicas que não contemplam as especificidades dos territórios periféricos nem os valores que orientam o jornalismo de proximidade.

Entretanto, reconhecer essas limitações não significa subestimar o papel estratégico que o jornalismo local desempenha nesse território. Como evidenciado ao longo do artigo, produzir informação de proximidade na Amazônia é uma prática que vai além da função informativa convencional. Em um contexto em que comunidades indígenas, ribeirinhas, quilombolas e populações do interior permanecem sistematicamente sub-representadas tanto nos circuitos tradicionais de comunicação quanto nos ambientes digitais, o jornalismo local constitui um dos poucos espaços capazes de dar visibilidade a essas realidades, fortalecer vínculos comunitários e contribuir para a formação de uma esfera pública genuinamente regional.

Dessa forma, os desafios impostos pela plataformização ao jornalismo amapaense não devem ser lidos apenas como ameaças, mas também como evidências da importância social e política dessa prática em territórios marcados por desigualdades estruturais. Superar a lógica de exclusão que historicamente silencia vozes periféricas exige, ao mesmo tempo, o fortalecimento das condições de trabalho dos profissionais locais, a construção de alternativas de financiamento independentes das plataformas e o desenvolvimento de políticas públicas de comunicação que reconheçam as especificidades dos territórios amazônicos.

Referências

BATISTA, Lucas Mathias; SANTOS, Otávio Augusto Andrade. Automatizando desigualdades: como a tecnologia e os algoritmos podem representar mais uma barreira social. 2019.

BENTES, Anna. A gestão algorítmica da atenção: enganchar, conhecer e persuadir. In: POLIDO, Fabrício B. P. et al. (org.). Políticas, internet e sociedade. Belo Horizonte: IRIS, 2019.

BRUNO, Fernanda; BENTES, Anna Carolina Franco; FALTAY, Paulo. Economia psíquica dos algoritmos e laboratório de plataforma: mercado, ciência e modulação do comportamento. Revista Famecos, Porto Alegre, v. 26, n. 3, set./dez. 2019.

CASTRO, Fábio. Macrodinâmicas da comunicação midiática na Amazônia. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas, Belém, v. 8, n. 2, p. 435-445, maio/ago. 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/bgoeldi/a/bLvY4YKVyMTKrqx7kwpTkxB/?lang=pt&format=pdf>

OLIVEIRA, Ivan Carlo Andrade de (org.). Valor notícia no jornalismo amapaense. Macapá: Editora da Universidade Federal do Amapá, 2025.

VAN DIJCK, José; POELL, Thomas; DE WAAL, Martijn. The platform society: public values in a connective world. Oxford: Oxford University Press, 2018.

ZACARIOTTI, Marluce et al. Perfil do Jornalista do Norte. [S. l.]: Rede de Estudo em Trabalho, Identidade e Profissão Jornalística (RETIJ/SBPJor), 2023. Disponível em: <https://perfildojornalista.paginas.ufsc.br/files/2023/10/2023-10-22-Perfil-do-Jornalista-do-Norte-MARLUCE-ZACARIOTTI-et-al.pdf>